

Lenita Estrela de Sá

Os anéis de Maria

Editora Penalux, 2020

CAPÍTULO 1

Toda noite, apagavam-se as luzes da cidade e a sirene aterradora soava sem hora marcada, a fim de treinar a população para possíveis bombardeios aéreos. Como planejar ensaios de uma peça de teatro numa escuridão absoluta e sob a mira de um soldado com o encargo de manter a ordem? Inácio precisava, pelo menos, ler de novo o texto para dar a cada membro do elenco o personagem mais apropriado a seu tipo físico. “Antes de o galo cantar, tu me negarás três vezes”, o rapaz franzino que se candidatara ao papel teria inflexão vocal para colocar a fala do Cristo nos ouvidos dos espectadores sentados na última fila, mais afastados do palco? “Se assim o dizes, já é!” – saberia a Samaritana menear os quadris e dar uma volta completa no proscênio, exibindo à plateia o cântaro transbordante? O trono de Pilatos, neste ano, poderia ser encimado por uma águia feroz e majestosa, esculpida em cedro ou jacarandá – escolheria

a madeira mais dócil e mais luzidia, que servisse melhor à sugestão da opulência romana. Ora, mas como poderia ler o texto em meio às sombras da cozinha parcamente iluminada pelo quarto crescente?

Os quatro filhos com certeza já dormiam, pelo adiantado da hora, forçados a se deitarem mais cedo pelo toque de recolher; às vezes, choramingavam, amedrontados com o soar agudo das sirenes, mas logo se aquietavam a um ralhado da mãe. Só Guilhermina, com olhos de pavor, mantinha as pupilas cintilando na escuridão, impressionada com o troar dos monomotores por cima do telhado. Inácio ajustou sobre o nariz os óculos que começara a usar há pouco tempo, ainda mal acostumado à armação metálica, que lhe dava a sensação de estar com o rosto quadrado, e se aproximou da porta que levava ao quintal inundado de silhuetas. Forçou a vista para conferir as anotações relativas ao elenco, qual ator interpretaria Judas, quantas lanças, quantos escudos teria a confeccionar, quanto em serões precisaria fazer para comprar o figurino, as tintas e o madeiramento para o cenário? E ficou de dar a resposta no dia seguinte ao grupo de jovens, que, aos poucos, ia reunindo.

A aflição deu-lhe sede. E se acendesse um palito de fósforo? O soldado, se ainda não tivesse completado a volta no quarteirão, estaria por passar de novo à porta com sua pisada marcial, mãos firmes segurando o rifle contra o peito, cabeça erguida, sob o quepe a fisionomia ríspida – ninguém

que experimentasse desrespeitar o comando, era repreensão imediata, quiçá uma semana de prisão na delegacia mais próxima, que os tempos não estavam para brincadeira e a população precisava colaborar com as medidas de segurança. Mas Inácio não podia perder o elenco de jovens entusiasmados que se formava no bairro, precisava reler a peça inteira para distribuir convenientemente os papéis. Levantou-se da cadeira, os olhos quase acostumados à falta de luz, e foi Tateando as paredes para alcançar o armário da sala, em cuja gaveta guardava os lápis com que desenhava móveis sobre papel de arroz, anotando medidas em centímetros, em milímetros cuidadosamente registrados na angulação devida. Ao passar pelo corredor estreito, sentiu-se acompanhado pelos olhos aflitos de Guilhermina, cujas pupilas faiscavam na escuridão do quarto das meninas.

– Papai!

– Silêncio! – e se aproximou da filha, que se sentou na rede, na tentativa de amparar-se nele.

– Estou com medo! – balbuciou, quase chorando.

– Não precisa, esse barulho de avião é só o en-sai-o de um bombardeio! Não é de verdade. – mas, inconformada, ela começou a choramingar cada vez mais alto, inquietando o pai, que a deitou de volta com um carinho e continuou o percurso até a sala. Na rua, o soldado acabara de fazer troar o apito para avisar que continuava passando ali. Que aperreio, só faltava uma guerra mundial em São Luís! Novo

apito. Ainda bem que Guilhermina abafara o pavor que o treinamento lhe causava, mas a taquicardia crescia. Inácio não podia fazer ruídos que acordassem os demais, porque mais luzes se acenderiam em desobediência à lei imposta naqueles dias.

O tempo que tinha era a noite, mais longa no verão, breve na estação das chuvas. O trabalho puxado na marcenaria não lhe dava folga, além de deixá-lo tantas vezes sem disposição para qualquer outra coisa. Marcara reunião para o dia seguinte com doze rapazes e moças interessados em participar da Paixão de Cristo, não podia, de jeito nenhum, faltar a tão caro compromisso, tinha de confirmar no texto da peça os detalhes indispensáveis. Chegou à sala, onde as rótulas da janela sobre a pequena área de ventilação deixavam entrar alguma claridade, não o suficiente para que distinguisse os contornos dos objetos de louça sobre a mesa de centro e de um jarro de pé ao lado do sofá, o mimo da dona da casa, e no qual Inácio, que não podia perceber tudo no ambiente entre sombras, tropeçou ruidosamente.

Os jornais anunciavam que estavam em cartaz dois filmes da Paramount – “A Bem-amada Impostora”, sessão vespéral, e “Charle Chan no Panamá”, sessão noturna. Será que, se convidasse a mulher para o filme romântico, ela o perdoaria por ter espatifado o jarro dos anjos rosados em alto relevo? Ou de nada adiantaria o convite enamorado como perdão pela perda causada à mulher, de mentalidade

racional como ele nunca vira? Por isso, estava se esgueirando sorrateiramente pela casa em penumbra, era preciso esconder o mais possível a montagem do espetáculo, melhor seria só declarar na véspera da estreia a data precisa, como procedera outras vezes, para que ela nem pensasse em confiscar a verba do patrocínio, alegando destinação mais urgente e fundamental à preservação da família.

As responsabilidades do casal eram bem divididas: ele sustentava todos; ela cuidava de tudo. Tinham vida organizada, pobres, mas decentes, pagavam as contas em dia, não compravam fiado, vez por outra iam à missa e mantinham a adequada distância dos parentes. Os aniversários eram um capítulo à parte, ele não sabia como Maria sempre dava um jeito de brindar o homenageado com um bolo de trigo, ou um doce de coco em compota, um pudim em calda, o que desse para arranjar. Os meninos diziam que a mãe guardava uns porquinhos de barro, pequenos cofres comprados no mercado central, onde metia quase toda manhã algum troco da quitanda e mais raramente uma cédula de maior valor. Ela só não tolerava bem que lhe quebrassem os bibelôs, cuja integridade todos sabiam dever preservar – quanto mais um jarro de pé! Será que ela aceitaria a sessão de cinema, essa coisa de quem vivia nas nuvens, esquecido da penca de crianças que tinha para criar, como ela costumava dizer, na primeira oportunidade? Adiantaria lembrar à mulher que ele e o Cardoso, porteiro do teatro, conheciam-se desde que

viera ainda menino para a capital, fugindo da decadência de toda a sua cidade e da fome avassaladora, da falta de trabalho e de perspectivas, paredes e portas sendo engolidas lentamente pela firme e úmida voracidade do musgo? Tentou ainda recolher os cacos da louça espatifada, levou a mão espalmada à testa fria, que suava, diante de novo apito da sentinela que rondava a porta, no momento em que ergueu os olhos diretamente para os olhos da mulher, que se levantara apressada ao ouvir o estilhaçar do vaso e o encarava com susto na fisionomia, preocupada em obedecer à convocação geral para o esforço de guerra – teria se casado com algum doídivanas a não medir as consequências do comportamento lunático que não o deixava esquecer do teatro nem em tempos de exceção?

– Quer acabar com a gente?

– Acabar o quê? Estou apenas procurando um lápis! Preciso terminar o desenho de um guarda-roupa e tenho que anotar a medida das peças.

– Quem nos dera que fosse! – exclamou ela, e se afastou balançando a cabeça, resignada com a situação. – Posso apostar que é arrumação de teatro!

Ouviu-a travar a maçaneta da porta e girar a chave na fechadura, decretado estava que ele passaria a noite no sofá da sala ou se arranjaria em qualquer canto do quarto dos filhos, onde havia lugar para mais uma rede. Novamente souou o apito do soldado. Mas Inácio controlaria os movimentos

e continuaria em busca do lápis com que anotar, no texto que procurava, a distribuição dos papéis. A atmosfera de guerra deixava as pessoas em suspense, a cada hora chegava uma notícia triste de destruição e ataques a embarcações civis. Lera no Correio da Tarde (embora preferisse o Jornal Pequeno, já esgotado naquele dia) que era grande a campanha de mobilização do povo para combater o inimigo; que se tolerasse a escassez de gêneros alimentícios, que se doassem metais para ajudar o país; de manhã teria que dar a Guilhermina pelo menos alguns tostões para entregar à professora como contribuição simbólica. Era preciso adoçar a vida o quanto antes!

Sentou-se na cadeira de palhinha que havia acabado de polir para dar a Maria no aniversário de casamento, mais um pouco e já chegariam aos dez anos de união. Era melhor sossegar, poderia perfeitamente encontrar um Judas Iscariotes que não fosse muito pesado, assim a roldana de três polegadas suportaria o corpo balançando no galho da figueira na hora do enforcamento, para delírio da plateia no ápice da catarse. Mas continuava precisando anotar quem interpretaria quem, sobretudo porque, até então, só contava com dois terços do elenco, o que em geral obrigava os atores a interpretarem mais de um personagem; o figurino do ano passado, quando a guerra andava longe, estava bem guardado na marcenaria e só alguns capacetes de centuriões e a cruz de Barrabás haviam se danificado;

o trono de Pilatos, a catacumba de Lázaro, com uma boa mão de tinta, ficariam cintilando de novo. Assim teria pouca despesa para reutilizar também o cenário, que retocaria com novas tintas – avaliava. No entanto, sem verificar no próprio texto as reais necessidades da montagem do espetáculo, de nada adiantaria ter marcado reunião com o grupo para o dia seguinte.

A casa voltara a ficar em silêncio. Com sorte, as meninas tinham se acalmado e adormecido. Sem pensar mais em nada, ficou parado por alguns instantes, para ser, de súbito, violentamente estremecido pelo ronco crescente do motor do avião, que parecera arremeter bem em cima do telhado da sala, para demonstrar à população como seria em caso de um ataque real pelo ar, pois pelo mar já haviam se dado diversos e a procura de passagens do Loyd Brasileiro começava a diminuir em níveis significativos, os relatos de naufrágios devidos a torpedeamento pelo inimigo eram constantes nos jornais e viagem marítima quem tivesse juízo só faria para receber dinheiro ou se despedir de algum ente querido. O avião se afastou, mas o coração de Inácio permaneceu acelerado, como se trabalhasse aos solavancos, extraíndo energia do fundo das veias – não era de se estranhar que tivesse tanta gente adoecendo dos nervos! Inácio apertou os lábios, a boca seca acompanhando a taquicardia, quanta agonia por não poder acender uma mínima luz de vela!



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Pona Display
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em dezembro de 2020.
